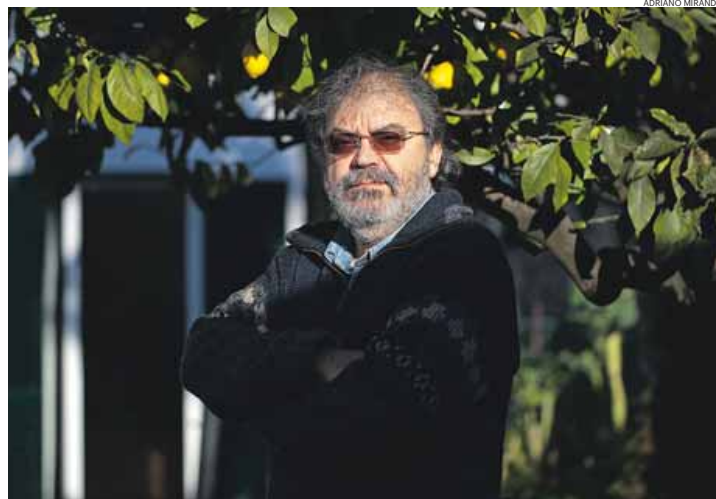


# Para milhares de professores o tempo de escola está a acabar



ADRIANO MIRANDA



ADRIANO MIRANDA

“Não vivíamos acima das necessidades”

Nunca planeei a minha vida em função da reforma. Sempre pensei que continuaria na escola enquanto tivesse a capacidade de me dar tanto e tão intensamente aos meus alunos quanto eles merecem que qualquer professor se dê. Mas isso foi até perceber que, se não me aposentasse agora – que tenho direito a fazê-lo, ainda que com penalização –, o Governo podia obrigar-me a ficar muito para além disso.

A questão que se me colocou foi: daqui a cinco ou seis anos, ainda estarei capaz? Pois. Não sei. E não vou ficar para descobrir.

Já pedi a aposentação. Sem dramas, porque tive uma carreira profissional cheia e feliz e tenho a certeza de que haverá vida para além dela. E, principalmente, sem culpas – nada devo ao Estado e, quem achar o contrário, que faça o favor de somar a 35 anos de serviço competente as horas não contabilizadas que passei na escola, que trabalhei em casa e que investi em formação, parte dela paga por mim.

Não, não vou chorar, embora me preocupe o futuro do país. Nunca gostei de rotinas, passei por inúmeras escolas ditas difíceis, mudei por vontade própria sempre que achei que corria o risco de me acomodar. Mas de instabilidade – que é o que hoje se vive na es-

cola – não gosto. Ninguém gosta.

Lidar com crianças implica tempo e disponibilidade interior. E a maior parte dos professores não tem uma coisa nem outra. Está preocupada com o que lhe vai acontecer amanhã, porque as regras mudam todos os dias; e afogada em burocracia, a produzir papéis que ninguém lê, mas que têm de ser escritos, não por causa dos alunos, mas por causa da inspecção.

Dei aulas num período feliz, em que, em vez de olhar para os papéis, cuidávamos das pessoas. Lembrome, nos anos 80, de estar numa escola onde muitos dos alunos eram filhos de prostitutas e tinham os pais presos. Começámos a perceber que não se alimentavam bem e que ficavam sozinhos parte do dia, a brincar num terreno que partilhavam com toxicodependentes, que ali abandonavam seringas.

Em três tempos, reuniram-se representantes da administração escolar, da câmara e da Segurança Social e, no ano lectivo seguinte, a escola dispunha de instalações e de técnicos que permitiam acolher as crianças do pré-escolar, garantir alimentação e oferecer actividades de tempos livres. Será a coisas assim que se referem quando dizem que vivíamos acima das nossas possibilidades? Uma coisa é certa: não vivíamos um centímetro acima das necessidades.

**Isilda Silva, 56 anos e 35 de serviço**  
**Professora do 1.º ciclo do ensino básico em Sangalhos, Anadia**

Desde que pedi a aposentação que me tenho lembrado do professor Guimarães. Conheci-o como aluno e vim a reencontrá-lo, mais tarde, como colega, quando me tornei professor. No último ano em que trabalhei, antes da aposentação, chamou-me, num intervalo. Tinha os olhos brilhantes de entusiasmo. Disse que tinha estado a pensar, em casa, numa forma diferente de abordar, nas aulas, uma determinada matéria do programa de Física, e queria saber o que eu pensava da ideia.

Ainda agora me emociono, quando recordo esse episódio. Nele está condensado tudo quanto aquele homem, em particular, me ensinou. Mas também a importância da passagem de testemunho entre gerações, que se quebrou com a avalanche de pessoas que pediram a reforma antecipada, com a ministra Maria de Lurdes Rodrigues, e que agora sofre outro abalo, com a nova vaga de aposentações.

O que é que distingue os que saíram há uns anos dos que agora se vão embora? O estado de espírito: os primeiros saíram revoltados com um Governo que virou a opinião pública contra os professores, tornando-os alvo fácil do insulto de pais e de alunos; que transformou um espaço de cooperação, que era a escola, num terreno de competição por “muitos bons” e “excelentes”; que introdu-

ziu na função de ensinar uma terrível componente burocrática.

Os professores que agora se aposentam não sentem revolta, acho eu. Padeçemos do mal que atingiu toda a sociedade: esta “desesperança”.

Na nossa profissão, ela também nasce da ameaça do desemprego, da sensação de que ninguém está a salvo, da falta de perspectiva de saída da crise. Depois, há os aspectos mais particulares. Como a constante produção de legislação, que obriga a deitar fora trabalho feito; o aumento do número dos alunos por turma; e até a revisão curricular – que, ao contrário do que se quer fazer crer, nem a nós, professores de Matemática, agradou.

Estou de baixa há mais de um ano, por problemas de coração, mas, talvez por ser sindicalista, e também por feito, mantive uma relação estreita com os colegas e com a escola, que me permite perceber como são dramáticas as consequências da crise nesta profissão. Um professor de Matemática não ensina apenas Matemática e um professor sem esperança não pode transmiti-la aos alunos.

Preocupo-me com os colegas que sentem, como eu, este cansaço, mas têm de continuar. E também com os alunos que na escola encontram o mesmo que em casa: desânimo. Pergunto-me o que é que isto fará deles, quando se tornarem adultos.

**Paulo Teixeira de Sousa, com 60 anos e 37 de serviço**  
**Professor de Matemática no Porto**

Só este mês, a Educação perde, oficialmente, 600 docentes. Mas este número não reflecte, ainda, a quantidade de pessoas que até aos últimos dias de Dezembro de 2012 pediram, também, a aposentação, para escapar às novas regras, mais penalizadoras. O PÚBLICO foi ouvir quatro professores, que deitam um último olhar sobre a escola que estão prestes a abandonar – a aposentação, na primeira pessoa



PAULO PIMENTA

## “E os alunos? Alguém se lembra deles?”

Sempre que conto que me vou aposentar, há alguém que diz: “Quem me dera poder fazer o mesmo!” E eu fico a pensar que país é este, em que uns se aposentam e outros só não se aposentam porque não podem, apesar de uns e de outros sentirem que ainda têm muito para dar. A resposta, acho eu, é que este é o país onde o amanhã deixou de ser certo, onde as leis deixaram de ser estáveis – onde a que diz que eu hoje me posso aposentar é substituível por outra que dita que terei de trabalhar mais dez anos. Quem serei eu daqui a dez anos? E, principalmente, o que será a escola daqui a dez anos?

Costumo dizer que a escola é a mesma, há séculos: temos as carteiras, a secretária e o quadro, para competir com um mundo em mudança. Mas, na verdade, muita coisa se alterou nos últimos anos, também dentro da escola. Para quem está de fora, pode até parecer que as coisas acalmaram desde o tempo das grandes manifestações de professores, há uns anos. Mas não melhoraram.

No último ano, vi antigas estagiárias caírem no desemprego; vi professores do quadro ficarem sem turmas; vi o desamparo de colegas que desde sempre tinham dado Educação Visual e Tecnológica e de um momento para o outro se encontraram a ensinar a ler e a escrever meninos de seis anos.

Pensar que nos podemos abstrair de tudo isso e concentrar-nos no que nos cabe fazer – dar aulas – é uma ilusão, porque mesmo com o ano lectivo a avançar as mudanças sucedem-se. Em vez de “competências” passou a haver “metas”; acabaram os “planos de recuperação” e nasceram os de “acompanhamento”, enterrou-se a avaliação qualitativa e inaugurou-se a quantitativa; e, pelo meio disto, indicaram-me como avaliadora de colegas, num processo que é um faz-de-conta. E eu penso: “E os alunos? Alguém se lembra deles?”

Costa-me muito não poder, ao menos, levar os meus alunos do terceiro ano até ao fim do ciclo. Tive de pedir desculpa aos pais, a quem prometera que o faria.

Em relação ao Estado, saio com a consciência tranquila, de dever cumprido. Tornei-me professora aos 19 anos, nas Caxinas, de rapazes de 14, que já iam ao mar e viam em mim uma menina melhor para namorar do que para dar aulas. Há uns anos, quando, na sequência de um processo disciplinar, recebi dezenas de testemunhos de ex-alunos e de pais a apoiar-me, percebi quantas vidas tocara. Que ninguém diga que não descontei o suficiente para receber a reforma. Um professor faz isso e muito mais: forma pessoas.

**Maria Gabriela Bacelar, Com 55 anos e 36 de serviço Professora do 1.º ciclo na Póvoa de Varzim**



NUNO FERREIRA SANTOS

## “Um crime contra a qualidade do ensino”

Esta gente, no Governo, acha que está a fazer um grande negócio. Empurra para a reforma os professores mais caros e no seu lugar põe os mais jovens e mais baratos. Não me espanta: este é um raciocínio próprio de quem pensa pequenino, de quem quer poupar uns trocos e poupá-los já, não importa com que custos para a Educação – e serão imensos.

Veja-se quem sai: professores competentes e experientes, capazes de se entregarem – que é isso que os professores fazem: entregam-se – durante mais alguns anos. Veja-se o que se perde: a cultura de escola, que nasce do encontro entre o saber acumulado dos mais velhos e a energia e a criatividade dos mais novos, com vantagens para uns, para outros, e, principalmente, para os alunos. Veja-se quem ganha: ninguém. Podemos, portanto, chamar a isto um crime contra a qualidade de ensino.

Será que os professores mais jovens, aqueles que vão ocupar os nossos lugares, têm noção do que lhes está a ser negado? Não sei. Admito que não. Quando se luta pela subsistência, reflectir é um luxo. E jogar com pessoas que estão nesse grau de desespero é mais um dos factores que contribuem para que o sistema de ensino seja, neste momento, destruidor.

Quem resiste, quem continua a ser professor – com tudo o que isso impli-

ca – só o faz com um esforço tremendo. E por isso há tanta gente tão cansada. Quanto tempo se aguenta dar aulas a dez ou 12 turmas, cada uma com 30 alunos, como fazem alguns colegas? Quanto tempo se resiste quando as regras são permanentemente alteradas por leis e mais leis, que ninguém tem tempo para assimilar?

E já não falo apenas da resistência física, intelectual e emocional necessária ao exercício da profissão. Também me assusta o estreitamento dos corredores de liberdade.

Quando dei o *Memorial do Convento*, ainda o usei como pretexto, para reflectir, com os alunos, sobre o que é o poder, como é que ele se exerce, por que é que a imaginação e o sonho, a amizade, são tão importantes e qual é a margem de que cada um de nós dispõe para criar a sua própria história. Poderia continuar a fazê-lo numa escola em que os créditos venham a depender dos resultados dos exames e estes das horas de treino para responder rapidamente, de forma mecânica e acertada?

Saio – como o Governo quer. Mas saio pelo meu pé, inteira e com a dignidade intacta, e não estou certa de que seria assim daqui a dez anos. É verdade que me dói a ideia de não voltar a entrar numa sala de aulas. Mas não suportaria estar lá e não poder ser professora.

**Maria Leonor Brazão, Com 56 anos e 33 de serviço Professora de Português em Carcavelos**

**Textos escritos por Graça Barbosa Ribeiro, com base em conversas com os professores**